



PROMETEUS

Filosofia em Revista

PROMETEUS - VIVA VOX

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
ano 5 número 9 janeiro - junho de 2012



RESENHA

CESAR, Constança Marcondes. *Filosofia da Cultura Grega*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008. 143 p.

José Mauricio de Carvalho
Doutor em Filosofia UGF/RJ
Professor do Departamento de Filosofia da UFSJ

O livro de Constança Marcondes César examina “a contribuição de Evanhélos Moutsopoulos para o estudo da crise da sociedade contemporânea, bem como para o seu ultrapassamento, em vista da realização do homem” (p. 6). Moutsopoulos é um filósofo grego que elaborou uma filosofia de cultura alicerçada em valores universais, que ele considera já se encontravam nas origens do pensamento grego. A sua filosofia faz uma atualização destes valores.

No capítulo inicial a autora situa a meditação de Moutsopoulos na filosofia grega contemporânea. Ela sugere, seguindo o depoimento de Roxane Argyropoulos, que o movimento de retorno às fontes iniciais da filosofia grega para tratar das questões contemporâneas, preconizado pelo pensador, é um movimento amplo. Dele participam nomes conhecidos como Castoriades e Kondilis. A origem da problemática assumida por Moutsopoulos vem do que se denomina Grupo de Heidelberg, pensadores gregos com formação germânica. Havendo estudado na Alemanha, os representantes deste grupo (Théodoracopoulos, Tsatos e Kanellopoulos) tiveram contato e trouxeram para a Grécia as preocupações culturalistas do início do século XX. O movimento culturalista teve grande importância na Alemanha naquele momento e surgiu do neokantismo por

divergir da interpretação de Cohen e da chamada escola de Marburgo, onde se destacaram Natorp e Cassirer.

O capítulo seguinte é pequeno e apresenta o projeto de Moutsopoulos de elaborar uma filosofia da cultura tendo por inspiração a herança grega. Revela a autora que o filósofo, seguindo a inspiração germânica, “procura compreender a cultura como processo de estruturação contínua de reformulação do sistema de valores” (p. 50). Ao voltar-se para a cultura grega, que o filósofo toma por objeto, procura lê-la como uma tradição que pensa o destino humano. Ele toma a cultura grega como paradigma para avaliar a crise do mundo atual. Para ele, a própria sociedade europeia herda dos gregos o propósito de realização do ser humano “e a compreensão de sua universalidade e destino” (p. 52). É na preocupação universalista, encontrada na origem do pensamento grego, que o filósofo encontrará elementos para a superação do vazio existencial encontrado na sociedade consumista de hoje e para a re colocação do problema do sentido e da qualificação da existência.

O capítulo terceiro, o principal da obra, examina o cerne do pensamento de Moutsopoulos. A autora comenta o conceito de *kairós*, que lhe parece central na filosofia da cultura grega contemporânea. *Kairós*, esclarece, é um conceito encontrado nos textos clássicos de Homero e tinha ali vários significados, conforme fosse relacionado ao tempo, espaço ou à ação humana. O termo foi apropriado por outros autores. Moutsopoulos parte da noção aristotélica de *kairós* para quem o conceito representa “o bem do tempo, o tempo liberto das necessidades e o tempo gerador da temporalidade” (p. 58). A ele acrescenta a noção de kairicidade que se aplica à obra de arte e à consciência humana como criadora de valor e, pelos valores, traduz o propósito de humanização do mundo. Para o autor, “*kairós* refere-se não ao ser, mas ao sendo no tempo, à mudança, à ruptura ou evolução quanto ao passado” (p.59). O propósito de humanização do mundo é uma luta contra as dificuldades da vida e parece-lhe o principal legado da cultura grega. O tempo de criação da arte e de outros aspectos da cultura se opõe ao tempo repetitivo e regular representado por *cronos*. Na mitologia grega, *cronos* e *kairós* são filhos de *Aion*, a eternidade, e simbolizam as atitudes da consciência humana em sua inserção no mundo. Moutsopoulos refere-se a *kairós* “associando-o à estrutura do ser, à ideia de desenvolvimento, de humanização do tempo e do espaço, à ideia de ponto de equilíbrio ontológico” (p.63-4). Valendo-se da filosofia de Aristóteles e Plotino, ele adota a compreensão de temporalidade como prospecção do

tempo. Nesse sentido fenomenológico, *kairós* é o “momento em que a consciência se situa entre o não-ainda e o nunca-mais, apreendendo-se como existência” (p. 66). No que toca à estrutura do ser, *kairós* representa a sua coesão e, vinculado ao valor, aponta para a “descontinuidade qualitativa no suceder” (p.69). O espaço humanizado que resulta da atividade humana é denominado *kairítico*, representando o lugar onde o homem vive na consciência e também no mundo. “As abordagens ontológica, axiológica e epistemológica se encontram, na apreciação qualitativa da estrutura do ser e nas categorias de sua apreensão” (p. 72). No que tange ao tempo, o filósofo aproxima o conceito *kairós* da noção de duração bergsoniana, que faz coincidir o ser e o durar presentes nas categorias do não-ainda e do nunca-mais. Admitida essa referência, o filósofo adota, de Husserl, a compreensão de intencionalidade da consciência, atribuindo ao futuro o papel de momento privilegiado da existência. Quanto à sua análise da crise da sociedade atual, o filósofo a insere na história. Quais as grandes crises pelas quais passou a humanidade? A primeira veio com a passagem do matriarcado ao patriarcado, a segunda com o surgimento e implantação do cristianismo e a última com a Revolução Tecnológica. Em todas, a causa é a mesma, o impacto de forças externas ou a fragilidade e as lutas internas da sociedade. O filósofo reconhece o caráter renovador das crises, o que é positivo. A forma de enfrentá-las é mergulhando na tradição para no passado encontrar a inspiração para enfrentar os novos desafios. Comenta a autora: “É no exame do significado da tradição que nosso filósofo retoma o problema das crises históricas e de sua superação” (p.100). Os desafios da vida promovem períodos alternantes do curso histórico onde se sucedem momentos de intensas mudanças e de relativa estagnação. A noção de *kairós* se aplica ao conhecimento necessário à superação da crise, no plano ontológico, à passagem de um estado fraco a outro mais forte e, no axiológico, ao surgimento de uma descontinuidade qualitativa e quantitativa no processo histórico. A compreensão da história se afasta da sucessão de fatos vividos e vem com a reconstituição interpretativa dos modelos criados para explicar as ações. A interpretação do curso histórico feita por Moutsopoulos pretende superar as anteriores, em especial as de Toynbee e Bachelard, nas quais ele se inspira. A novidade de sua reflexão é o uso da música como chave da interpretação da história. Moutsopoulos emprega a música dodecafônica que aplicada à história “enfoca os eventos como repetição de um mesmo modelo universal sob formas diversas” (p. 106). A ideia de *kairós*, quando alicada à passagem do tempo, tanto traduz a

humanização da sociedade quanto à superação das crises. O ultrapassamento ocorre no interior das mudanças históricas “no instante infinitesimal no qual as duas forças opostas se equilibram e uma estabilidade, embora provisória e precária, impõe-se” (p. 108). Ao contrário do culturalismo brasileiro, onde Antônio Paim defende a irracionalidade do curso histórico, o filósofo grego admite a sua compreensão racional representada por um movimento pendular. Para o filósofo grego, a crise atual é denominada de terricídio e é típica da civilização da guerra e da falta de cuidado com a natureza, reconhecendo o valor ecológico como desafio hodierno, nisto fazendo eco com o culturalista brasileiro Miguel Reale. Uma das características da atual crise é a substituição da importância da noção de tempo pelo espaço, desembocando numa atitude antrópica. A noção de *kairós* traduz a oportunidade de o homem superar os problemas atuais da existência, “reorientando-a em busca de um ser-mais” (p. 116).

O capítulo 4 denomina-se *kairós, poiésis, eleuthería*. Nele a autora principia destacando a crítica fenomenológica e da Escola de Frankfurt à sociedade atual. Embora diferentes em pressupostos e interpretação, essas filosofias convergem no reconhecimento do “desencanto e consciência da ameaça representada pela perda do sentido humano no mundo contemporâneo” (p. 119). Tomando Heidegger e Marcuse como representantes dessas escolas, o filósofo indica que ambos avaliam a sociedade tecnológica como desumanizante, daí a crise. Heidegger se propõe superá-la pela elaboração de uma meta-filosofia inspirada no pensar poético de Parmênides e Heráclito, com a qual espera recuperar o sentido original da técnica. Marcuse, por sua vez, fala do homem unidimensional, afirmando que a tecnologia estrutura novas formas de escravidão, à qual incorpora a ideia de luta entre a vida e a morte retirada da obra de Freud. Em síntese, ambos apontam “a crise da sociedade atual e assinalam a importância da meditação sobre a morte como fonte da existência autêntica” (p. 126). O filósofo grego, ao contrário dos críticos germânicos, destaca a oportunidade presente na crise atual, sobrepondo-a ao caráter ameaçador identificada no mundo da técnica. Comenta a autora: “mostrando a vida da cultura como marcada pelas rupturas necessárias à emergência do novo, evidenciando o diálogo entre o passado e o futuro, através da invenção e da descoberta, nosso autor coloca-se numa perspectiva decisivamente otimista, na qual a ruptura não é mera destruição ou ameaça, mas síntese superadora, em direção à plena expressão do humano” (p. 131). A expressão do que há

de mais elevado no homem se apresenta nas obras de arte, que contemplam um amplo leque de possibilidades de existir.

Na conclusão, a autora destaca o voltar-se do filósofo para a cultura grega da Antiguidade, tomando-a como modelo de superação da crise contemporânea. Na cultura grega clássica, o filósofo busca as noções de *kairós*, de *poiésis* e de liberdade, tomando-as como eixos fundamentais para combater a crise contemporânea. Utiliza, ainda, as fontes: platônico-aristotélica, estoica e neoplatônica como referências históricas para estabelecer o diálogo com o passado grego. Esse passado é reconhecido como o inspirador do ocidente europeu, que é um produto cultural da civilização mediterrânea. A civilização mediterrânea, cujo pensamento assume caráter universal, fornece os elementos para vencer a crise atual.

O estudo de Constança Marcondes César é importante por nos colocar diante de uma filosofia que, reconhecendo o sentido dramático das crises, indica que elas não representam mera destruição e ameaça, mas síntese superadora de momentos já acabados em direção ao que há de melhor na existência humana. Ao apresentar um panorama do culturalismo grego, o livro permite o confronto com o movimento culturalista brasileiro, que também se liga à mesma fonte inspiradora: o neokantismo alemão. Permite enxergar proximidades e diferenças entre os movimentos. Das primeiras, destaque-se: o valor ecológico, a cultura como expressão de valor e dos fins específicos da existência humana, o reconhecimento de que a raiz do ocidente está nas civilizações clássicas do mediterrâneo, o sentido histórico da vida, a importância da filosofia como elemento de superação das crises, a autonomia do componente espiritual da cultura. Entre os pontos de afastamento: o papel do cristianismo na formação da cultura universal ao lado da forma de pensar grega e organização jurídica romana, o entendimento de que a história só deixa ver uma direção axiológica, não se podendo interpretar racionalmente o seu curso histórico, a abertura maior ao futuro no culturalismo brasileiro, inspirado na contínua identificação de invariantes axiológicos, a noção de civilização como unidades do movimento cultural proposta pelo culturalismo brasileiro. A oportunidade de perceber filosofias culturalistas com encaminhamento próprio e raiz comum mostra que se pode percorrer trilhas singulares, mesmo quando se vem do mesmo lugar.